

ASSIM FALAVA ZARATUSTRA



NIETZSCHE

Veríssimo

ASSIM FALAVA ZARATUSTRA

NIETZSCHE

TRADUÇÃO
Alfredo Margarido

Veríssimo

PRIMEIRA PARTE

PRÓLOGO DE ZARATUSTRA

1

Quando Zaratustra completou trinta anos, deixou a sua pátria e o lago da sua pátria e foi para as montanhas. Ali viveu, alimentando-se de sua sabedoria e solidão, e dez anos se passaram sem que se cansasse. Mas, então, seu coração mudou. Certa manhã, levantou-se com a aurora, ficou diante do sol e assim lhe falou:

— Ó, grande astro! Que seria da tua felicidade se não tivesses aqueles a quem iluminas?

“Há dez anos vens até minha caverna, já estarias aborrecido de tua luz e desse trajeto se não fosse por mim, minha águia e minha serpente.

“Mas nós o esperávamos todas as manhãs, para tomar o teu excesso e te dar graças.

“Olha, estou farto da minha sabedoria, como a abelha que acumula demasiado mel; preciso de mãos que se estendam para mim.

“Querida doar, despende a minha sabedoria, até o dia em que os sábios entre os homens se sentissem felizes por serem tolos; e os pobres, felizes por serem ricos.

“Para isso, preciso descer às profundezas, como fazes todas as noites, quando mergulhas no mar para levar a tua luz ao mundo subterrâneo, ó, astro que transborda riqueza.

“Terei que, assim como tu, *declinar*, como dizem os homens a quem quero visitar.

“Abençoa-me, então, ó, olho afável capaz de ver sem inveja até mesmo o excesso de felicidade!

“Abençoa a taça que transborda, para que seu ouro corrente leve por todos os lados o reflexo da tua felicidade!

“Olha! Esta taça quer de novo se esvaziar, e Zaratustra quer de novo se tornar homem.”

Assim começou o declínio de Zaratustra.

2

Zaratustra desceu sozinho da montanha, sem encontrar ninguém pelo caminho. Porém, ao chegar aos bosques, de repente viu um ancião se aproximar; ele tinha deixado o seu eremitério para procurar raízes na floresta. E assim o ancião falou a Zaratustra:

— Este andarilho não me é estranho; passou por aqui há muitos anos. Chamava-se Zaratustra, mas está mudado.

“Naquele tempo, levavas as tuas cinzas para as montanhas; agora, é o teu fogo que queres levar para o vale? Não temes o castigo reservado aos incendiários?

“Sim, reconheço Zaratustra. O seu olhar é puro, e o seu lábio está livre de qualquer desgosto. Não está ele caminhando como se dançasse?

“Zaratustra mudou, Zaratustra voltou a ser menino, Zaratustra despertou. Que queres procurar entre os que dormem?

“Vivias na solidão como se estivesses no seio de um oceano, e esse oceano te transportava. Desgraçado, queres, então, saltar para a terra? Desgraçado, queres, então, tornar a arrastar tu mesmo o peso do teu corpo?”

Zaratustra respondeu:

— Amo os homens.

— Então, por que – rebateu o santo – me retirei para a floresta e para este deserto? Não foi também por amar demais os homens?

“Agora amo Deus; não mais os homens. O homem é uma criatura demasiado imperfeita para o meu gosto. O amor pelo homem me mataria.”

Zaratustra respondeu:

— Quem está falando de amor! Levo uma dádiva aos homens.

— Não dê nada aos homens – argumentou o santo. — Tira-lhes uma parte do fardo e ajuda a carregar; nada dará mais prazer a eles e poderá também ser bom para ti!

“E, se queres dar uma dádiva, que seja uma esmola, e, ainda assim, espera que te peçam.”

— Não – replicou Zaratustra –, eu não dou esmolas. Não sou pobre o bastante para isso.

O santo riu de Zaratustra e falou assim:

— Nesse caso, cuida para que aceitem os tesouros. Eles desconfiam dos eremitas e não são capazes de acreditar que lhes vamos oferecer presentes.

“O som dos nossos passos ecoa demasiado solitário pelas ruas. É por isso que, à noite, nas suas camas, quando ouvem um homem caminhar muito antes do nascer do sol, perguntam-se: *Onde irá este ladrão?*”

“Não vás para junto dos homens, fica nas montanhas. É melhor ires fazer companhia aos animais. Por que não queres ser como eu, urso entre os ursos, ave entre as aves?”

— E que faz o santo na floresta? – perguntou Zaratustra.

O santo respondeu:

— Faço canções, canto-as e, enquanto faço as minhas canções, rio, choro e sussurro; é essa a minha maneira de louvar Deus.

“Cantando, chorando, rindo e sussurrando, louvo o Deus que é o meu Deus. Mas, diga, que dádiva trazes?”

Ao ouvir essas palavras, Zaratustra despediu-se do santo e lhe disse:

— Não me faltariam dádivas para lhes trazer! Mas deixai-me ir embora depressa, para que não lhes tire alguma coisa! – E assim se separaram um do outro: o idoso e o homem, rindo como duas crianças.

Entretanto, uma vez que Zaratustra ficou só, falou assim ao seu coração:

— Será possível! Esse velho santo, na sua floresta, ainda não ouviu dizer que *Deus está morto!*

3

Quando Zaratustra chegou à cidade vizinha, situada na margem da floresta, encontrou uma grande multidão na praça pública, pois fora anunciado o espetáculo de um equilibrista. E Zaratustra assim falou ao povo:

— *Eu vos apresento o super-homem.* O homem só existe para ser superado. Que fizestes para o superar?

“Até agora todos os seres criaram alguma coisa que os superam, e vós quereis ser o refluxo dessa grande maré e regressar ao animal em vez de superar o homem?

“Que é o macaco para o homem? Uma risada ou uma dolorosa vergonha. Tal será o homem para o super-homem: uma risada ou uma dolorosa vergonha.

“Percorrestes o caminho que vai do verme ao homem, e ainda em vós resta muito do verme. Outrora fostes macacos, e mesmo agora o homem é mais macaco do que qualquer macaco.

“Mesmo o mais sábio de todos vós não passa de um ser híbrido e disparatado, meio planta, meio fantasma. Acaso vos disse que deveis ser fantasma ou planta?

“Eis que vos apresento o super-homem.

“O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: seja o super-homem o sentido da terra!

“Imploro, meus irmãos, *permaneça fiéis à terra* e não acrediteis naqueles que vos falam de esperanças supraterrâneas. Conscientemente ou não, são envenenadores.

“São menosprezadores da vida, moribundos, intoxicados e de quem a terra está cansada: que pereçam, então!

“Em outros tempos, blasfemar contra Deus era a maior das blasfêmias, mas Deus morreu e com ele morreram esses blasfemadores. Agora, o crime mais atroz é blasfemar contra a terra e ter em maior conta as entranhas do impenetrável do que o sentido da terra.

“Em outros tempos, a alma lançava ao corpo um olhar de desdém, e nada era mais estimado do que esse desprezo. A alma queria um corpo fraco, horrível, faminto. Assim julgava que estaria livre do corpo e da terra.

“Essa alma, oh, como era ainda fraca, horrível e faminta! E descobria, na crueldade, o seu maior deleite!

“Mas vós, meus irmãos, dissei-me: o que conta o vosso corpo sobre a vossa alma? Não é ela miséria, imundície e conformidade lastimosa?

“Na verdade, o homem é um rio lamacento. É preciso ser como o oceano para absorver um rio lamacento sem se corromper.

“Pois bem, eu vos apresento o super-homem. É ele esse oceano; nele, irá se perder o vosso grande desprezo.

“Qual pode ser o maior acontecimento da vossa vida? É a hora do grande desprezo. A hora em que a vossa própria felicidade aborrece a vós, assim como a vossa razão e a vossa virtude.

“A hora em que dizeis: ‘Que importa a minha felicidade! Não passa de miséria, imundície e conformidade lastimosa. Ora, a minha felicidade deveria justificar a própria existência.’

“A hora em que dizeis: ‘Que importa a minha razão! Terá ela fome de saber, como o leão tem fome de carniça? Não passa de miséria, imundície e conformidade lastimosa.’

“A hora em que dizeis: ‘Que importa a minha virtude? Ainda não me enlouqueceu. Estou farto do meu bem e do meu mal! Tudo isso é apenas miséria, imundície e conformidade lastimosa.’

“A hora em que dizeis: ‘Que importa a minha justiça? Não me parece que eu seja ainda todo fogo e todo chama. Ora, o justo é todo fogo, todo chama.’

“A hora em que dizeis: ‘Que importa a minha compaixão! Não é a compaixão a cruz onde se prega aquele que ama os homens? Ora, a minha compaixão não me crucificou.’

“Já dissestes essas coisas? Já gritastes essas coisas? Ai, tivesse eu ouvido esse grito!

“Não são os vossos pecados, é a vossa morna satisfação que clama aos céus; é a vossa parcimônia, mesmo no pecado, que clama aos céus.

“Onde está o raio que vos irá lambar com a sua chama? Onde está o delírio contra o qual será necessária proteção?

“Eis que vos apresento o super-homem. É ele esse raio, é ele esse delírio!”

Depois que Zaratustra assim disse, um homem gritou do meio da multidão:

— Já chega de falar desse equilibrista! Agora nos deixa vê-lo! – E toda a gente ria de Zaratustra. Porém o equilibrista, julgando que essas palavras eram dirigidas a ele, começou imediatamente a fazer seu trabalho.

4

Entretanto, Zaratustra olhava a multidão com assombro. E falou assim:

— O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem, uma corda sobre um abismo.

“É perigoso vencer o abismo, é perigoso ir por esse caminho, é perigoso olhar para trás, é perigoso ter uma tontura e parar de repente!

“A grandeza do homem está em ele ser uma ponte, e não uma meta; o que se pode amar no homem é ele ser *transição e perdição*.

“Amo os que só sabem viver com a condição de perecer, porque perecendo se superam.

“Amo aqueles que se enchem de desprezo, pois trazem consigo o respeito supremo, são as flechas do desejo apontadas para a outra margem.

“Amo aqueles que não precisam procurar para além das estrelas uma razão para perecer e se sacrificar, mas que se sacrificam pela terra para que a terra venha a ser o império do super-homem.

“Amo o que vive apenas para saber e que quer saber a fim de permitir que um dia o super-homem viva. É assim que deseja a própria perda.

“Amo o que trabalha e inventa a fim de um dia construir a residência do super-homem e lhe preparar a terra, o animal e a planta. É assim que deseja a própria perda.

“Amo o que ama a sua virtude porque a virtude é o desejo de perecer e flecha do infinito desejo.

“Amo o que não reserva para si a menor gota do seu espírito, mas quer ser a essência da própria virtude; é nesse estado de espírito que atravessará a ponte.

“Amo o que faz da sua virtude a sua tendência e o seu destino; pois assim quer, ao mesmo tempo, viver e deixar de viver.

“Amo o que não quer ter demasiadas virtudes. Uma virtude é mais virtude do que duas e é o forte laço a que se prende o destino.

“Amo o que esbanja a sua alma, nunca a restitui e ainda recusa qualquer gratidão; pois doa sempre e não reserva nada para si.

“Amo o que se envergonha quando vê os dados caírem a seu favor e se pergunta: ‘Estarei eu trapaceando?’ – pois o seu desejo é perecer.

“Amo o que espalha uma rima de palavras de ouro perante as suas ações e faz sempre mais do que promete; pois o seu desejo é perecer.

“Amo o que justifica os vindouros e redime os passados; pois o seu desejo é perecer pelos de agora.

“Amo o que castiga o seu Deus porque ama o seu Deus; pois perecerá com a cólera do seu Deus.

“Amo aquele cuja alma é profunda, mesmo nas feridas, e que pode morrer de qualquer acidente fútil; porque é de bom grado que passará a ponte.

“Amo aquele cuja alma transborda, a ponto de perder a consciência de si mesmo e nele carregar todas as coisas, pois é a totalidade das coisas que causa a sua perda.

“Amo o que tem o espírito e o coração livres; a sua cabeça apenas serve de entradas ao seu coração, mas é o seu coração que o leva a perecer.

“Amo todos os que se parecem com as gotas pesadas que caem uma a uma da sombria nuvem suspensa sobre os homens; anunciam que o relâmpago está próximo, parecem por serem os anunciadores.

“Vede, eu sou o anunciador do raio, eu sou uma pesada gota caída da nuvem, mas este raio é o *super-homem*.”

5

Depois de Zaratustra pronunciar essas palavras, considerou outra vez a multidão em silêncio.

— Aí estão – disse ao seu coração –; eles riem, não me compreendem, não sou a boca que convém a esses ouvidos.

“Terei de lhes arrebentar os tímpanos para que aprendam a ouvir com os olhos? Terei de tocar címbalos e berrar como pregadores de quaresma? Ou só acreditarão no palavreado dos que gaguejam?

“Há uma coisa de que se orgulham. Como se chama mesmo a coisa de que se sentem orgulhosos? Chama-se cultura, é o que os distingue dos pastores de cabras.

“É por isso que não gostam de nada que os tratem com desprezo. Então, é ao seu orgulho que vou falar.

“Falarei sobre o que existe de mais desprezível no mundo, falarei sobre o *último homem*.”

E Zaratustra falou ao povo:

— É tempo de o homem determinar um objetivo. É tempo de o homem plantar e germinar a sua esperança suprema.

“O seu solo está ainda bastante rico para tal. Mas um dia esse solo será pobre e infértil e não mais poderá fazer crescer uma grande árvore.

“Ai! Aproxima-se o tempo em que o homem já não lançará a flecha de seu desejo por cima da humanidade, e em que a corda de seu arco terá desaprendido a se esticar.

“Eu vos digo: é preciso ter ainda um caos dentro de si para gerar uma estrela dançante. Eu vos digo: tendes ainda um caos dentro de vós.

“Ai! Aproxima-se o tempo em que o homem se tornará incapaz de gerar uma estrela dançante. Ai! O que se aproxima é a época do homem mais desprezível, aquele que nem poderá desprezar a si mesmo.

“Vede! Eu vos apresento o *último homem*.”

“O que é amar? O que é criar? O que é desejar? O que é uma estrela?”, assim falará o último homem, piscando os olhos.

“A terra, então, terá se tornado escassa, e nela se verá saltitar o último homem, que diminui todas as coisas. A sua espécie é tão indestrutível como a do pulgão; o último homem será o que viver mais tempo.

“Descobrimos a felicidade”, dirão os últimos homens, piscando os olhos.

“Terão abandonado as regiões onde a vida é rigorosa, pois precisam de calor. Ainda amarão o próximo e irão se esfregar nele porque precisam de calor.

“A doença e a desconfiança são como outros tantos pecados; é preciso ver onde se anda! Insensato é aquele que ainda tropeça nas pedras e nos homens!

“Algum veneno de vez em quando, coisa que proporciona sonhos agradáveis. E muito veneno por fim, para se ter uma morte agradável.

“Trabalharão ainda porque o trabalho distrai. Mas terão cuidado para que essa distração nunca se torne cansativa.

“Ninguém mais se tornará rico ou pobre; são duas coisas penosas demais. Quem desejará ainda governar? Quem desejará ainda obedecer? São duas coisas penosas demais.

“Nenhum pastor e um só rebanho! Todos quererão a mesma coisa, todos serão iguais; quem tiver um sentimento diferente entrará voluntariamente no manicômio.

“Em outro tempo, toda a gente era doida’, dirão os mais sagazes, piscando os olhos.

“Serão espertos e saberão tudo o que se passou antigamente; assim sua zombaria não cessará. Ainda vão discutir, mas depressa vão se reconciliar, por medo de estragar a digestão.

“Terão um pouco de prazer durante o dia e um pouco de prazer durante a noite; respeitando a saúde.

“Descobrimos a felicidade’, dirão os últimos homens, piscando os olhos.”

Aqui, terminou o primeiro discurso de Zaratustra, que também se chama Prólogo; pois neste ponto foi interrompido pelos gritos e pelas risadas da multidão.

— Dá-nos esse último homem, Zaratustra – gritava o povo. — Torna-nos semelhantes a esses últimos homens! E pode ficar com o teu super-homem! – E o povo todo exultava e dava estalos com a língua. Mas Zaratustra afligiu-se e disse ao seu coração:

— Não me compreendem, não sou a boca que convém a esses ouvidos.

“Vivi tempo demais nas montanhas, ouvi demais os rios e as árvores, e agora lhes falo como os pastores de cabras.

“A minha alma não se abalou em nada, é clara como as montanhas pela manhã. Mas eles julgam que sou frio, como um sinistro zombador.

“E aí estão, olhando para mim e rindo; e não contentes em rir de mim, ainda por cima me odeiam. Há gelo em seu riso.”

6

Mas, então, aconteceu algo que fez calar todas as bocas e atraiu todos os olhares. Naquele espaço de tempo, o equilibrista começara a trabalhar; saíra de uma pequena porta e andara pela corda, presa a duas torres sobre a praça e a multidão; entretanto, quando estava justamente a meio caminho, abriu-se outra vez a portinha e saltou um rapaz cheio de cores que parecia um palhaço, o qual correu a grandes passos até o primeiro.

— Depressa, aleijado! – gritava com a sua horrível voz. — Depressa, preguiçoso, manhoso, cara deslavada! E toma cuidado para que eu não te pise os calcanhares! Que fazes metido entre estas duas torres? Na torre, devias estar trancado, já que impedes o caminho de outro melhor do que tu.

E a cada palavra se aproximava mais; mas, quando estava a apenas um passo do primeiro, ocorreu algo terrível que fez calar todas as bocas e atraiu todos os olhares: o recém-chegado lançou um grito diabólico e saltou por cima daquele que estava em seu caminho. Este, ao ver a vitória do seu rival, perdeu a cabeça e caiu da corda; deitou fora o balancim e precipitou-se ainda mais depressa no abismo, com um redemoinho de braços e de pernas. A praça e a multidão pareciam o mar quando se desencadeia a tormenta; todos fugiram atropeladamente para todos os lados, sobretudo do local onde devia cair o corpo.

Mas Zaratustra não se mexeu, e o corpo caiu justamente perto dele, ferido e despedaçado, mas ainda vivo. Passado um momento, o ferido recuperou os sentidos e viu Zaratustra ajoelhado ao seu lado.

— Que fazes aqui? — acabou por dizer. — Há muito, eu sabia que o Diabo me daria uma rasteira. Agora, me levará para o inferno. Queres impedi-lo?

— Amigo — respondeu Zaratustra —, palavra de honra que nada do que falas existe; não há Diabo nem inferno. A tua alma morrerá ainda mais depressa do que o teu corpo; então, não tenha medo.

O homem lançou um olhar desconfiado.

— Se dizes a verdade — continuou o equilibrista —, ao perder a vida, não perderei nada. Não passo de um animal a quem ensinaram a dançar, com pancadas e punhados de comida.

— Não — contrapôs Zaratustra. — Fizeste do perigo o teu ofício, e isso nada tem de desprezível. Agora, morrerás por causa do teu ofício e, por isso, serás sepultado por minhas próprias mãos.

O moribundo já não respondeu a essas palavras, mas moveu a mão, como se procurasse a de Zaratustra para lhe agradecer.

7

Caiu a noite, a praça sumia nas trevas; então, a multidão se dispersou, pois até mesmo a curiosidade e o pavor cansam. Mas Zaratustra continuava sentado no chão, ao lado do morto; abismado em suas reflexões, esquecera-se do tempo. Por fim, fez-se madrugada e um vento frio soprou sobre o solitário. Zaratustra se levantou e disse ao seu coração:

— Na verdade, Zaratustra teve hoje uma boa pescaria! Não pescou um homem, mas um cadáver!

“A vida humana é sinistra e sempre desprovida de sentido; basta um palhaço para lhe ser fatal.

“Quero ensinar aos homens o sentido da sua existência, falar do super-homem, o relâmpago que deve brotar da sombria nuvem humana.

“Mas estou ainda muito longe deles, os meus pensamentos não falam aos seus sentidos. Os homens ainda veem em mim apenas um meio-termo entre um louco e um cadáver.

“Obscura é a noite, obscuros são os caminhos de Zaratustra. Vamos, rígido e gelado companheiro! Vamos para onde, por minhas mãos, serás sepultado.”

8

Tendo assim falado ao seu coração, Zaratustra levou o cadáver às costas e se pôs a caminho. Ainda não havia andado cem passos quando um homem furtivamente se aproximou e lhe sussurrou algumas palavras ao ouvido; ora, o que falava era o palhaço da torre.

— Sai desta cidade, ó, Zaratustra — disse ele; muita gente aqui te odeia. Os bons e os justos te odeiam e dizem que tu os desprezas; os fiéis da verdadeira crença te odeiam e dizem que és um perigo para a multidão. Ainda tiveste sorte que riram de ti; e, na verdade, falaste como um palhaço. Tiveste sorte em te associar a este morto e te rebaixar dessa forma; isso o salvou por hoje. Mas sai desta cidade, senão amanhã poderei saltar por

cima das tuas costas; um vivo por cima de um morto. – Tendo assim falado, o homem desapareceu; mas Zaratustra seguiu o seu caminho ao longo das ruazinhas escuras.

À porta da cidade, encontrou os coveiros; levantaram as tochas à altura de seu rosto, reconheceram Zaratustra e riram muito dele.

— Cá temos Zaratustra a carregar o burro morto! Bravo! Bom que Zaratustra tornou-se coveiro, porque não iremos sujar as nossas mãos com semelhante peça! Zaratustra quer roubar o alimento do Diabo? Enfim, muito bem! Coragem e bom apetite! Isto é, se o Diabo não for melhor ladrão do que Zaratustra, porque é capaz de roubar e ainda devorar os dois! – E desataram a rir, enquanto cochichavam uns com os outros.

Zaratustra não respondeu palavra e seguiu o seu caminho. Depois de ter caminhado durante duas horas e vencido florestas e pântanos, cansou-se de ouvir o uivo esfomeado dos lobos e também ele se sentiu atormentado pela fome. Por esse motivo, parou diante de uma casa isolada de onde brilhava uma luz.

— A fome me assalta como um salteador – disse Zaratustra. — A minha fome me assalta no meio das florestas e dos pântanos, em plena noite.

“A minha fome tem estranhos caprichos. Muitas vezes, só me aparece depois de comer, e hoje, em todo o dia, não apareceu. Onde estaria escondida?

Assim dizendo, Zaratustra bateu à porta da casa. Logo apareceu um ancião com uma luz, que perguntou:

— Quem vem à minha casa perturbar o meu fraco sono?

— Um vivo e um morto – respondeu Zaratustra. — Dê-me de comer e beber; esqueci-me de o fazer durante o dia. O que dá de comer ao faminto reconforta a sua própria alma; assim fala a sabedoria.

O ancião afastou-se, mas logo regressou e ofereceu pão e vinho a Zaratustra.

— Esta terra é ruim para os que têm fome – disse ele. — É por isso que moro aqui. Vêm ao meu eremitério homens e animais. Mas diz ao teu companheiro que coma e beba também; ele está mais cansado do que tu.

Zaratustra respondeu:

— O meu companheiro está morto; não será fácil convencê-lo a comer.

— Nada tenho com isso – resmungou o ancião. — O que bate à minha porta deve aceitar o que ofereço. Comei e passai bem!

Zaratustra caminhou durante mais duas horas, confiando no caminho e na luz das estrelas, porque estava acostumado a caminhar de noite e gostava de olhar em pleno rosto todos os que dormiam. Mas quando principiou a madrugada, Zaratustra achou-se numa espessa floresta onde já não se via mais nenhum caminho. Então, pousou o cadáver no côncavo de uma árvore, à altura de sua cabeça – pois queria livrá-lo dos lobos – e deitou-se também, no musgo do chão. No mesmo instante, adormeceu, de corpo cansado, mas com a alma tranqüila.

9

Zaratustra dormiu por muito tempo; passaram sobre o seu rosto não só a aurora, mas também a manhã. Enfim, abriu os olhos; admirado, Zaratustra olhou para a floresta e para o silêncio e, admirado, olhou para dentro de si. Ergueu-se depressa, como um navegante que de súbito avista terra, e soltou um grito de alegria porque se dava conta de uma verdade nova. E assim falou ao seu coração:

— Um raio de luz me atravessa a alma; preciso de companheiros, vivos, não mortos e cadáveres que levo para onde quero.

“É de companheiros vivos que preciso, de companheiros que me sigam porque querem me seguir, para onde eu quiser ir.

“Um raio de luz me atravessa: não é para a multidão que Zaratustra deve falar, mas para companheiros. Zaratustra não deve ser pastor de um rebanho nem o cão do pastor.

“Vim apartar do rebanho muitas ovelhas. É preciso que a multidão e o rebanho se irritem comigo; Zaratustra quer que os pastores vejam nele um salteador.

“Eu digo pastores, mas eles chamam a si próprios de fiéis da verdadeira crença. Eu digo pastores, mas eles chamam a si próprios de bons e justos.

“Vede esses bons e justos! A quem odeiam mais? A quem lhes despedaça as tábuas de valores, o destruidor, o criminoso; ora, este é o criador.

“Vede esses fiéis da verdadeira crença! A quem odeiam mais? A quem lhes despedaça as tábuas de valores, o destruidor, o criminoso; ora, este é o criador.

“O criador procura companheiros, e não cadáveres; não quer nem rebanhos, nem fiéis. Procura criadores para se associarem a ele, desses que gravam valores novos em tábuas novas.

“O criador procura companheiros que o ajudem na sua colheita porque tudo nele está maduro para colher. Porém, faltam-lhe cem foices; por isso, arranca as espigas aos punhados e se aborrece.

“O criador procura companheiros que sabem afiar as suas foices. Serão chamados de destruidores e desprezadores do bem e do mal. Mas são ceifadores, que ceifam primeiro e descansam depois.

“Zaratustra procura homens que queiram criar com ele, ceifar com ele, descansar com ele. Que se importa ele com rebanhos, pastores e cadáveres?

“E tu, primeiro companheiro meu, descansa em paz! Com cuidado, te sepultei na tua árvore oca, bem abrigado dos lobos.

“Mas me separo de ti; o tempo chegou. Entre o crepúsculo e a aurora, me surgiu uma verdade nova.

“Não devo ser pastor nem coveiro. Deixarei até de falar ao povo; foi pela última vez que falei com um morto.

“Quero me unir aos criadores, aos ceifadores, aos que descansam só depois de cumprido o trabalho; eu lhes mostrarei o arco-íris e todas as escadas que levam ao super-homem.

“Cantarei minha canção aos solitários, aos que se retiraram sozinhos ou aos pares para a solidão e a quem quer que tenha ainda ouvidos para as coisas inauditas; este terá o coração oprimido pela minha ventura.

“Caminho para o meu fim, sigo o meu caminho; saltarei por cima dos hesitantes e dos retardatários. Assim, o meu avanço apressará a sua perda!”

10

Assim falara Zaratustra ao seu coração, quando o sol atingia o meio-dia; depois, dirigiu um olhar indagador para as alturas porque ouvia por cima de si o grito penetrante de uma ave. E eis que uma águia descrevia largos círculos no ar, e uma serpente estava suspensa por ela, não como uma presa, mas como amiga, pois se enroscava ao pescoço da ave.

— Eis os meus animais! – disse Zaratustra com o coração cheio de alegria.

“O mais orgulhoso e o mais astuto animal sob o sol; ambos saíram em exploração.

“Querem saber se Zaratustra ainda está vivo. E, de fato, estarei ainda vivo?

“Descobri que é mais perigoso viver entre os homens do que entre os animais. Zaratustra percorre perigosos caminhos. Que meus animais me guiem!”

Depois de dizer essas frases, Zaratustra recordou-se das palavras do santo da floresta; suspirou e falou assim ao seu coração:

— Devo ser mais sábio! Devo ser pura sabedoria, como a minha serpente.

“Peço, porém, o impossível; pedirei, então, que o meu orgulho caminhe sempre ao lado da minha prudência.

“E, se um dia a minha prudência me abandonar – ai, gosta tanto de tanto fugir! – possa, então, o meu orgulho voar com a minha loucura!”

Assim começou o declínio de Zaratustra.

OS DISCURSOS DE ZARATUSTRA

AS TRÊS METAMORFOSES

Apresento a vós as três metamorfoses do espírito: como o espírito se transforma em camelo; o camelo em leão; e o leão, por fim, em criança.

Há muitas coisas pesadas para o espírito robusto e paciente, todo imbuído de respeito; a sua força requer fardos pesados, os mais pesados que existam no mundo.

— O que há de mais pesado para transportar? – pergunta o espírito robusto, transformado em besta de carga, que se ajoelha como um camelo e pede um fardo pesado.

— Qual é a tarefa mais pesada, ó, heróis – pergunta o espírito robusto, transformado em besta de carga –, para que eu a assumo e desfrute a minha própria força?

Seria nos rebaixar para machucar o nosso orgulho? Deixar cintilar a nossa loucura para zombar da nossa sensatez?

Seria abandonar uma causa triunfante? Escalar altas montanhas para tentar o tentador?

Seria nos alimentar com as bolotas e a erva do conhecimento e, por amor à verdade, obrigar nossa alma a passar fome?

Ou seria estar enfermo e afastar os consoladores para fazer amizade com os surdos, que nunca ouvem o que queremos?

Ou seria mergulhar numa água lodosa, se for a água da verdade, e não afastar as frias rãs e os abrasados sapos?

Ou seria amar os que nos desprezam e estender a mão ao fantasma que quer nos assustar?

Todos esses fardos pesados o espírito robusto, transformado em besta de carga, toma sobre si; de forma semelhante ao camelo que atravessa o deserto com sua carga, assim ele se apressa para atravessar o seu deserto.

E aí, naquela extrema solidão, acontece a segunda metamorfose: o espírito se torna leão; pretende conquistar a liberdade e ser o rei do próprio deserto.

Procura, então, o seu último senhor; será o inimigo dele e do seu último Deus, quer lutar e vencer o grande dragão.

Qual é o grande dragão a que o espírito já não quer chamar nem senhor nem Deus? O nome do grande dragão é *Tu deves*. Mas o espírito do leão diz: *Eu quero*.

Tu debes lhe impede o caminho, reluzindo em ouro, coberto de escamas; e, em cada escama, brilha, em letras douradas, as palavras: *Tu debes*.

Valores milenares brilham nessas escamas, e o mais poderoso de todos os dragões fala assim:

— Em mim, brilha o valor de todas as coisas. Todos os valores foram criados no passado, e eu sou a soma de todos eles. Na verdade, no futuro não deve existir o *Eu quero*! – assim fala o dragão.

Meus irmãos, para que serve o leão do espírito? Não bastaria o animal paciente, resignado e respeitador?

Criar valores novos é algo que o leão não pode fazer, mas, com sua força, o leão pode se libertar e, assim, ganhar essa habilidade.

Para criar a própria liberdade e o direito sagrado de dizer *não*, mesmo ao dever, para isso, meus irmãos, é preciso ser leão!

Conquistar o direito a valores novos é a tarefa mais temível para um espírito paciente e laborioso. E decerto vê nisso o ato de um animal de rapina.

O que ele amava outrora, como bem mais sagrado, era o *Tu debes*. Agora, precisa descobrir as ilusões e as arbitrariedades do que há de mais sagrado no mundo; e, assim, depois de um rude combate, conquistar o direito de se libertar de seu amor; para exercer semelhante violência, é preciso ser leão.

Dizei-me, irmãos, o que a criança pode fazer que o leão não pôde? Para que será preciso que o altivo leão se transforme em criança?

É que a criança é inocência e esquecimento, um novo começo, um brinquedo, uma roda que gira sozinha, um primeiro movimento, uma afirmação sagrada.

Na verdade, irmãos, para jogar o jogo dos criadores é preciso ser afirmação sagrada, é preciso dizer sim; agora, o espírito quer a *sua* vontade; tendo perdido, conquistará o próprio mundo.

Apresentei a vós as três metamorfoses do espírito: como o espírito se transforma em camelo; o camelo em leão; e o leão, por fim, em criança.”

Assim falava Zaratustra. Nesse tempo, ele morava na cidade que se chama Vaca Malhada.

AS CÁTEDRAS DA VIRTUDE

Elogiaram para Zaratustra um sábio que falava doutamente do sono e da virtude; com isso, ele havia acumulado honrarias, dinheiro e admiração, e todos os jovens se sentavam diante de sua cátedra. Zaratustra foi até ele e, como todos os seus discípulos, sentou-se diante de sua cátedra. E o sábio falou assim:

— Honrai e respeitai o sono! É o primeiro princípio. E fugi de todos os que dormem mal e ficam acordados de noite.

“Até mesmo o ladrão tem pudor diante do sono, anda a passos leves e passa furtivo pela noite. Sem pudor é o guarda que está de vigília à noite; tão sem pudor que usa a sua corneta.

“Saber dormir não é algo insignificante; é preciso ter estado acordado um dia inteiro para o conseguir.

“Dez vezes ao dia debes conseguir uma vitória sobre ti mesmo; eis o que cria uma grande fadiga, eis o ópio da alma.

“Dez vezes debes te reconciliar contigo mesmo; pois vencer a si mesmo é amargo, e dorme mal aquele que não vence o seu rancor.

“Dez verdades tens de procurar durante o dia, para evitar que as busque na noite e tua alma fique faminta.

“Dez vezes ao dia procura rir e estar alegre, senão serás atormentado à noite pelo teu estômago, esse pai da melancolia.

“Ainda que seja uma verdade pouco conhecida, é preciso ter todas as virtudes para dormir bem. Darei falso testemunho? Cometerei adultério?

“Cobiçarei a serva do próximo? Tudo isso combina mal com um bom sono.

“E, mesmo no caso de possuímos todas as virtudes, é preciso acrescentar mais este conhecimento: saber colocar as virtudes para dormir, no tempo certo.

“É crucial que essas lindas mulherzinhas não briguem. E por tua causa, desgraçado!

“Paz com Deus e com o próximo, eis o que exige um bom sono. E paz com o diabo do próximo, senão virá te assombrar à noite!

“Respeito e obediência à autoridade, mesmo àquela duvidosa. Eis o que exige um bom sono. Fazer o que se o poder gosta de andar com pernas vacilantes?

“Aquele que gosta de pastar as suas ovelhas no mais verde prado, para mim, será sempre o melhor pastor. Eis o que favorece um bom sono.

“Não ambiciono nem grandes honras, nem grandes riquezas; fazem mal para o estômago. Dorme-se mal, porém sem uma boa reputação e um pequeno tesouro.

“Prefiro uma companhia vazia a uma má; mas é essencial que saiba chegar e ir embora no momento certo. Isso favorece um bom sono.

“Também me agradam muito os pobres de espírito; ajudam a dormir bem. Bem-aventurados os pobres de espírito, principalmente se damos sempre razão a eles.

“Assim, passa o dia para o virtuoso. Quando chega a noite, bem me livro de chamar o sono. O sono, que é o rei das virtudes, não gosta nada de ser chamado.

“Somente penso em tudo o que fiz e pensei durante o dia. E, paciente como uma vaca, ruminando, me pergunto: ‘Quais foram as tuas dez vitórias sobre ti mesmo?’

“E as tuas dez reconciliações, e as tuas dez verdades, e as dez gargalhadas que te alegraram o coração?

“Assim, sonhando e embalado pelos meus quarenta pensamentos, sinto-me de súbito tomado pelo sono que não chamei, o rei de todas as virtudes.

“O sono bate nos meus olhos, eles se tornam pesados. O sono encosta nos meus lábios, eles ficam entreabertos.

“Na verdade, ele aparece com passos de veludo, o mais suave ladrão, e me rouba os pensamentos; fico estúpido, como esta cátedra.

“Mas não resisto por muito tempo. Eis que já estou entregue.”

Depois de ter ouvido o sábio falar, Zaratustra riu consigo mesmo, pois uma luz tinha se acendido para ele. E disse para seu coração:

— Este sábio me parece doido, com os seus quarenta pensamentos; mas creio que compreende bem o sono.

“Afortunados os que vivem próximos a este sábio! Um sono assim é contagioso, mesmo através de uma parede espessa.

“Um encanto emana da sua cátedra. Não é em vão que os jovens vêm se sentar aos pés deste pregador da virtude.

“A sua sabedoria consiste em ficar acordado para dormir bem. E, na verdade, se faltasse sentido à vida e eu tivesse de eleger qualquer absurdo, esse seria o tipo de absurdo que eu escolheria.

“Mas agora compreendo o que se buscava antigamente, ao procurar mestres da virtude: garantir um bom sono e virtudes coroadas de ópio!

“Para todos esses ilustres sábios catedráticos, a sabedoria era um sono sem sonhos; não conheciam o sentido mais elevado da vida.

“Ainda hoje existem pessoas que se parecem com esse pregador de virtude e nem todas são assim honestas; mas o seu tempo já passou. E não resistirão por muito tempo; eis que já estão entregues.

“Bem-aventuradas são elas por terem sono; porque não tardarão a adormecer.”

Assim falava Zaratustra.

DOS VISIONÁRIOS DO ALÉM

Outrora, também Zaratustra, como todos os elucidados do além, lançou a seta da sua ilusão para além da humanidade. O mundo pareceu a ele, então, a obra de um Deus doente e atormentado.

O mundo me parecia um sonho, um poema inventado por um Deus. Uma nuvem colorida se abrindo diante dos olhos de um divino descontente.

Bem e mal, alegria e desgosto, eu e tu – outras tantas nuvens coloridas diante dos seus olhos criadores. O Criador queria desviar o olhar de si mesmo: foi, então, que criou o mundo.

Para quem sofre, é uma alegria inebriante desviar os olhos do próprio sofrimento e esquecê-lo. Antes, o mundo me parecia alegria inebriante e esquecimento de si.

Esse mundo, eternamente imperfeito, imagem de uma eterna contradição, apareceu como uma alegria inebriante para o seu imperfeito Criador. Essa era a imagem que eu fazia do mundo.

Da mesma maneira, de forma semelhante a todos os visionários do outro mundo, lancei para além do homem a seta do meu desejo ilusório. Para além do homem, na verdade?

Ai! Meus irmãos, esse Deus que eu criei era obra e loucura humana, como todos os deuses.

Era homem, um pobre fragmento de homem e de Eu, um fantasma saído das minhas cinzas, das minhas chamas, nunca veio do além!

Que aconteceu, meus irmãos? Soube me dominar, mesmo que sofredor; levei as minhas cinzas para as montanhas, inventei uma chama mais viva. E eis que o fantasma se dissipou.

Agora que estou curado, seria um sofrimento para mim, um tormento, acreditar em semelhantes fantasmas. Eis o que tenho a dizer a essas pessoas do além.

Sufrimento e impotência; eis o que criaram todos os aléns, e esse breve delírio de felicidade que só o mais sofredor conhece.

A fadiga que quer atingir o extremo, com um único salto, um salto mortal; essa pobre fadiga ignorante, que não tem ao menos um desejo além desse, ela criou todos os deuses e todos os *além-mundos*.

Acreditei-me, meus irmãos! Foi o corpo em desespero do corpo que tateou as últimas paredes com os dedos de espírito perdido.

Acreditei-me, meus irmãos! Foi o corpo em desespero da terra que ouviu as entranhas do ser lhe falarem.

Quis, então, derrubar as últimas paredes e passar a cabeça por elas, e não só a cabeça: quis passar inteiro para o *outro mundo*.

Mas esse *outro mundo* está oculto dos homens, mundo desumano e desnaturado, nada celeste; e as entranhas do ser não dizem nada, a menos que falem pela voz do homem.

É bastante difícil, na verdade, demonstrar o ser e obrigá-lo a falar! Dizei-me, meus irmãos: não é a coisa mais insólita também a mais bem demonstrada?

De fato, esse Eu cheio de contradição e de confusão é ainda o que fala mais honestamente do seu ser; esse Eu que cria, que quer e que julga, esse Eu que é a medida e o valor das coisas.

E esse ser muito honesto, o Eu, fala do corpo e quer o corpo, mesmo quando sonha e divaga ou esvoaça com as asas partidas.

O Eu aprende a se expressar com uma honestidade crescente e, quanto mais aprende, mais palavras acha para enaltecer o corpo e a terra.

Esse Eu me ensinou um novo orgulho, que ensino aos homens: não mais ocultar a cabeça na areia das coisas celestes, mas levantar bem alto a cabeça terrena, que dá sentido à terra.

Ensino aos homens uma nova vontade: querer o caminho que o homem percorreu cegamente, considerá-lo bom e não mais fugir dele, como fazem os doentes e os moribundos.

Foram os doentes e os moribundos que menosprezaram o corpo e a terra, inventaram as realidades celestes e as gotas de sangue redentor; mas até esses venenos doces e fúnebres precisaram buscar no corpo e na terra!

Queriam fugir da sua miséria, e as estrelas estavam longe demais. Então, suspiraram:

— Oh! Se houvesse caminhos celestes para alcançarmos outra existência e outra felicidade! – Foi então que inventaram os seus artificios e as suas poções sangrentas.

E pensaram, então, que estavam livres do corpo e da terra, os ingratos! Mas a quem deviam o espasmo e a volúpia do seu êxtase? Ao corpo e à terra.

Zaratustra tem compaixão pelos doentes. Na verdade, não o incomodam as suas formas de consolo ou de ingratidão. No entanto, que se curem, que se superem e criem um corpo superior!

Zaratustra também não se incomoda com o convalescente que lança um olhar de ternura à sua ilusão e vai à meia-noite assombrar a tumba do seu Deus; mas as suas lágrimas continuam sendo doença, corpo doente.

Houve sempre muitos enfermos entre os poetas e os que buscam Deus; perseguem com um ódio furioso os adeptos do conhecimento e a mais nova das virtudes: a honestidade.

Olham sempre para trás, para tempos de trevas; quando a loucura e a fé tinham um rosto diferente, a demência da razão aproximava o homem de Deus, e a dúvida era pecado.

Conheço bem demais essas pessoas que pensam ser semelhantes a Deus; querem que acreditemos nelas, e que a dúvida seja considerada pecado.

E também sei, bem demais, em que elas acreditam acima de tudo.

Na verdade, não é nos mundos do além nem nas gotas de sangue redentor; sobretudo, acreditam no corpo, e, para essas pessoas, seu próprio corpo é a coisa em si.

Porém, o corpo é uma coisa doente para elas; gostariam de se ver livres dele. Por isso, escutam os pregadores da morte e pregam elas próprias os *além-mundos*.

Preferi antes, meus irmãos, a voz do corpo são. É uma voz mais leal e mais pura.

O corpo são, realizado, construído com esquadro, fala com mais lealdade e mais pureza, e fala do sentido da terra.

Assim falava Zaratustra.